

Tradutor: Personagem de ficção

Dircilene Fernandes Gonçalves

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo – SP – Brasil – lenefg@uol.com.br

Resumo. *A pseudotradução é uma técnica na qual um texto original é apresentado como sendo uma tradução. Conhecida desde a Idade Média, ela é utilizada pelas mais diversas razões: literárias, estilísticas, editoriais, políticas, entre outras. Diferentemente do comportamento em geral observado em casos de pseudotradução, em O Senhor dos Anéis, de J. R. R. Tolkien – como na maior parte de sua obra ficcional – o "tradutor" não aparece como um indivíduo exterior à obra. O "tradutor-narrador" de Tolkien é personagem da tradução fictícia que serve de moldura aos eventos narrados; e é somente por meio de seu trabalho que a narrativa da saga pode existir.*

Palavras-chave. *pseudotradução; O Senhor dos Anéis; tradutor; personagem; tradução fictícia.*

Abstract. *Pseudotranslation is a technique in which an original text is presented as being a translation. It has been used since Middle Ages for diverse reasons: literary, stylistic, editorial and political, among others. Unlike what is generally observed in cases of pseudotranslation, in J. R. R. Tolkien's The Lord of the Rings – as well as in most of his fictional work – the "translator" is not an individual outside the work. Tolkien's "translator-narrator" is the character of the fictitious translation that works as a frame for the account of the events; and it is only through his work that the saga can be told.*

Keywords. *pseudotranslation; The Lord of the Rings; translator; character; fictitious translation.*

O Senhor dos Anéis: quando traduzir é criar

Em seu ensaio "Cuando la ficción vive en la ficción", Jorge Luis Borges fala sobre como, tal qual pintores inserem quadros dentro de quadros, escritores inserem narrativas dentro de narrativas, criando perspectivas que se desdobram umas a partir das outras.

Não se sabe se durante a observação desse fenômeno a idéia de tradução tenha passado pelo menos de leve pelo pensamento de Borges. No entanto, sem sequer resvalar o assunto, ele oferece uma definição perfeita para a pseudotradução: uma ficção interpolada em outra ficção; por isso mesmo, o outro nome pelo qual ela é conhecida é "tradução fictícia".

Tecnicamente, a pseudotradução ocorre quando um texto original é apresentado como sendo uma tradução, e ela é uma prática utilizada desde a Idade Média por diversas razões, com objetivos variados.

As motivações mais comuns observadas pelos estudiosos¹ para a concepção de um texto como pseudotradução são: 1) inserir um novo elemento numa cultura; 2) aventurar-se (um autor) num estilo diferente; 3) driblar a censura; 4) responder a interesses editoriais e comerciais; 5) conferir autoridade política ou religiosa a fim de convencer o público e conquistar simpatizantes e/ou adeptos para uma determinada causa ou doutrina.

Obras conhecidas, como *Orlando Inammorato*, de Mateo Maria Boiardo (1453), *Dom Quixote*, de Cervantes (1595/1605), *Cartas Chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga (século XVIII) e *O nome da rosa*, de Umberto Eco (1980), são exemplos de pseudotradução, embora esse fato geralmente passe despercebido. Outros exemplos dignos de nota são canções e poemas em apoio ao regime stalinista quando de sua implantação na extinta União Soviética, parte da produção de ficção científica na Hungria entre 1989 e 1995 e o *Livro de Mórmon*, "revelado" por Joseph Smith em 1830, que levou à fundação da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

O Senhor dos Anéis, de J. R. R. Tolkien – assim como grande parte de sua obra ficcional – também foi concebido como uma pseudotradução. No entanto, observando-o em relação a cada uma das motivações apontadas acima, é possível concluir que nenhuma delas pode ser indicada como justificativa para o autor ter feito essa opção.

Motivo número um: Tolkien certamente não pretendia inserir um elemento novo na cultura de seu país, visto que, quando começou a escrever *O Senhor dos Anéis*, no final de 1937, a literatura de fantasia já estava praticamente consolidada como gênero e tinha entre seus maiores representantes vários escritores de língua inglesa.

Motivo número dois: Tolkien era um admirador e um paladino da literatura de fantasia e já havia publicado vários trabalhos no gênero, entre poemas e contos; além de *O Hobbit*, cujo grande sucesso editorial gerou a solicitação de uma seqüência, a qual se transformou em *O Senhor dos Anéis*.

Motivo número três: Tolkien não tinha necessidade de driblar a censura; seus escritos, acadêmicos ou ficcionais, não eram considerados perigosos em nenhum sentido. Talvez depois da publicação de *O Senhor dos Anéis*, alguns críticos e acadêmicos possam tê-lo considerado perigoso para o conceito vigente de literatura, e até mesmo tenham tido vontade de censurá-lo.

Motivo número quatro: Tolkien não escrevia para responder a nenhum tipo de exigência do mercado editorial. Embora, como ocorre em qualquer publicação, tenha existido a necessidade do estabelecimento de compromissos comerciais, tais compromissos eram meras relações de trabalho, não premissas que determinavam as escolhas do autor. O próprio Tolkien sempre afirmou que escrevia em primeiro lugar para sua satisfação pessoal².

Motivo número cinco. Talvez este se aproxime um pouco de alguma motivação de Tolkien além de sua satisfação pessoal. No entanto, não do mesmo modo que nos casos das canções de apoio ao regime stalinista ou do *Livro de Mórmon*, que visavam respectivamente conquistar o apoio a uma nova ordem política e seguidores para uma nova religião. Defensor apaixonado da fantasia, Tolkien deve ter sido motivado pela

idéia de provar seu ponto de vista e conquistar leitores para o gênero, porém sempre assinou suas criações como autor.

Quiçá a explicação que mais se aproxime de pelo menos uma parte da motivação de Tolkien seja a observada por Julio Cesar Santoyo em um artigo sobre pseudotradução (SANTOYO, 1984): uma escolha puramente estética. Além de defensor da fantasia, Tolkien era amante da literatura antiga, especialmente da poesia que remetia ao mito; paixão que embalava seu trabalho como professor, filólogo e tradutor e que inspirava sua produção ficcional.

Sentindo falta, em seu tempo, de uma literatura que produzisse nele a mesma emoção que aquelas obras, instigado pelo fascínio da pesquisa filológica e movido pelo desejo de criar uma mitologia genuinamente inglesa, travestiu-se de tradutor para criar uma narrativa no limiar da realidade e da fantasia.

Ao escrever *O Senhor dos Anéis* como se estivesse reunindo e traduzindo documentos antigos reveladores de uma época distante, Tolkien se comporta como mais que um tradutor; ele é um pesquisador: filólogo, arqueólogo, historiador, cujo papel é trazer à luz uma parte da história apagada da memória dos homens. Ao mesmo tempo em que constrói seu mito fictício, aproxima-o da realidade, fazendo uma ponte entre ele e o tempo Histórico da humanidade³. Sua narrativa, sempre construída de modo a autenticar a "veracidade" dos eventos, cria no leitor a sensação de estar realmente diante do relato de um passado possível da humanidade. Nessa mistura de estilos, ficcional e acadêmico, Tolkien é, ao mesmo tempo, artista, pesquisador e tradutor. Do lado de fora, aquele que cria e, dentro de sua criação, aquele que reúne, interpreta, traduz e relata.

O material utilizado pelo tradutor não é uma narrativa única, mas é composto de várias narrativas, dado que os personagens vivem situações diferentes paralelamente. É o encontro dos personagens durante o desenrolar e após a conclusão dos eventos que permite a unificação dos fatos numa narrativa comum. Surgem daí os "registros históricos" escritos pelos diversos participantes da saga, aos quais o tradutor teve acesso para sua composição.

O papel do tradutor, por conseguinte, vai além de verter textos de uma língua para outra. Ele reorganiza os fatos dentro de uma ordem lógica e cronológica, amarrando os detalhes individuais vividos pelos personagens a fim de proporcionar um panorama completo dos aspectos históricos, geográficos, sociais, culturais e emocionais. Nenhum acontecimento surge do nada e deixa de ser esclarecido; para tudo há uma explicação, um fundamento, uma fonte.

O trabalho do tradutor atinge verdadeiro *status* de pesquisa acadêmica, criando um tipo de ficção que confunde o leitor, não quanto à compreensão da obra, mas quanto a que tipo de obra ele está lendo: "ficção ou história?". Logicamente, sabe-se desde o princípio que se trata de ficção – não consta que a intenção do autor tenha sido criar tal ilusão. Porém, uma ficção engendrada de maneira a deixar um rastro de dúvida em relação a sua virtualidade.

O tradutor se configura como um personagem que não participa da trama, mas sabe cada um de seus detalhes. Note-se que, apesar de ser uma "tradução" de narrativas feitas em registros de participantes ativos na saga, em nenhum momento narra-se em primeira pessoa. Como reorganizador de documentos antigos, o tradutor conta a história de outros, eliminando o "eu" da narrativa.

O foco narrativo é invariavelmente em terceira pessoa, sem que, no entanto, o narrador-tradutor se comporte como um Deus onisciente que conhece passado, presente e futuro e até os sentimentos e pensamentos mais profundos de cada personagem ativo da trama; ou, numa atitude contrária, se limite a contar os fatos sem passar pelo subjetivo. Como tradutor, o limite do que ele narra é o que foi dado a conhecer por esses personagens em seus registros, e seus comentários e intrusões na narrativa atêm-se também a esse conhecimento documental.

No texto "Da Tradução", parte II do Apêndice F de *O Senhor dos Anéis*, Tolkien incorpora declaradamente o papel de tradutor e, com rigor acadêmico, descreve sua metodologia de tradução, comenta e justifica suas escolhas. Esse texto funciona como uma "nota do tradutor" e é parte da ficção. Nele, o tradutor fictício emerge como personagem principal e Tolkien compõe uma história para sua "tradução". Como Velázquez, que se retrata no quadro *As Meninas*, revelando o pintor em ação, ele se insere na obra revelando o autor-tradutor em pleno processo criativo.

Nessa tradução fictícia, na qual "tradução e criação são operações gêmeas"⁴, é somente pelo trabalho desse tradutor imaginário que podemos tomar conhecimento dos eventos. Para chegarmos ao espaço dos fatos narrados, precisamos passar pela antecâmara da tradução: uma ficção que dá acesso a outra ficção. Sem essa passagem a narrativa de *O Senhor dos Anéis* não seria possível, ou melhor, seria outra narrativa.

O tradutor de Tolkien não existe, mas tudo funciona como se ele de fato existisse e executasse todo um trabalho minucioso para revelar ao homem moderno parte de sua história perdida na distância do tempo.

Em *O Senhor dos Anéis*, a tradução não é pseudo, é ficção: criação e criadora. E o tradutor não é farsante, é personagem: criatura e criador.

Notas:

1. Os estudos mais aprofundados da pseudotradução são os de Gideon Toury; seus trabalhos são sempre citados por outros estudiosos do assunto.
2. CARPENTER, 1995a (cartas 163, p. 211 e 328, p. 412).
3. Os eventos narrados em *O Senhor dos Anéis* marcam o final da Terceira Era e o início da Quarta Era, ou Era dos Homens, que aponta para o Tempo Histórico conhecido. Para uma linha do tempo aproximada, ver KYRMSE, 2003.
4. Octavio Paz, citado por José Paulo Paes (PAES, 1990, p. 9).

Referências bibliográficas

- BASSNETT, Susan. When is a Translation not a Translation? In: BASSNETT, Susan; LEFÉVERE, André. *Constructing Cultures: Essays on Literary Translation*. [S.l.]: Multilingual Matters Ltd., 1998, p. 25-40 (Topics in Translation, 11).
- BORGES, Jorge Luis. Cuando la ficción vive en la ficción. In: *Textos cautivos*. Madrid: Alianza Editorial, 1999, p. 56-59 (Biblioteca Borges).

- CARPENTER, Humphrey. *J. R. R. Tolkien: a Biography*. London: Harper Collins, 1995a.
- _____ (ed.). *The Letters of J. R. R. Tolkien*. London: Harper Collins, 1995b.
- KYRMSE, Ronald. *Explicando Tolkien*. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- PAES, José Paulo. *Tradução: a ponte necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Ática, 1990 (Temas, Estudos Literários, 22).
- SANTOYO, Julio Cesar. La traducción como técnica narrativa. In: IV CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE ESTUDIOS ANGLO-NORTEAMERICANOS – SALAMANCA, 1980, *Actas del IV Congreso de la Asociación Española de Estudios Anglo-Americanos*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1984, p. 37-51.
- SOHÁR, Anikó. Hungarian Books as Translations, or the Strange World of Pseudotranslations. In: SOHÁR, Anikó. *The Cultural Transfer of Science Fiction and Fantasy in Hungary 1989-1995*. [S.l.]: Peter Lang, s.d., p. 135-199.
- TOLKIEN, J. R. R. *The Lord of the Rings: The Fellowship of the Ring; The Two Towers, The Return of the King*. London: Harper Collins, 2002.
- _____ *O Senhor dos Anéis*. Trad. Lenita Maria Rimoli Esteves e Almiro Pisetta. Revisão técnica e consultoria Ronald Kyrmse. 1 ed. reimp. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.
- TOURY, Gideon. A Rationale for Descriptive Translation Studies: Chapter 1: Translations as Facts of a 'Target' Culture; Excursus A: Pseudotranslations and Their Significance. In: *Descriptive Translation Studies and Beyond*. [S.l.]: John Benjamins Publishing Company, 1995, p. 21-52 (Benjamins Translation Library, v. 4).
- _____ Communication in Translated Texts: A Semiotic Approach. In: *In Search of a Theory of Translation*. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, Tel Aviv University, 1980, p. 11-18.

